

# Continua o mistério do pó nos telefones públicos

O laudo pericial para indicar o tipo de substância que, na noite da última quarta-feira, intoxicou quatro pessoas que usaram dois orelhões em Ceilândia, ainda não foi concluído pelo Instituto de Criminalística de Brasília (IC). Os aparelhos foram retirados para análise. Não há previsão para a divulgação do resultado.

A professora de Química da Universidade Católica de Brasília, Regina Dalston, diz que é difícil analisar – com base nos sintomas das vítimas e aspecto físico do pó – a natureza da substância. "As possibilidades são muitas. Pode ser agrotóxico, pesticida, inseticida ou raticida", especula. O delegado-adjunto da 19ª DP, Rálio Temporim, responsável pelo caso, diz não ter pista ou suspeito.

Para direcionar as investigações, Temporim alega que a polícia precisa conhecer o tipo de substância deixada nos orelhões. De acordo com elementos químicos usados para a fabricação do pó,

pode-se descobrir a procedência do material e a intenção do criminoso. O delegado faz um apelo à população para que repasse à polícia informações sobre o caso. "Espero que as pessoas ajudem pelo Disque-denúncia." O número para as denúncias anônimas é 323-8855.

Vítimas e moradores da vizinhança garantem não ter visto ninguém em atitude suspeita rondando pelo local. Com sufocamento, queimação e inchaço no rosto, Tatiane Castro, 17, a principal vítima da intoxicação, não mais sentia sintomas ontem. Ao chegar perto do orelhão, ela percebeu um forte cheiro de pimenta. E, em casa, achou um pouco de pó branco no fichário.

A dona de casa Maria das Graças Pereira, 35, que, com a filha, entrou em contato com o pó venenoso, sente dor de cabeça e pontadas nos pulmões. A Brasil Telecom, responsável pelos aparelhos recolhidos, garantiu que eles estarão funcionando hoje.